

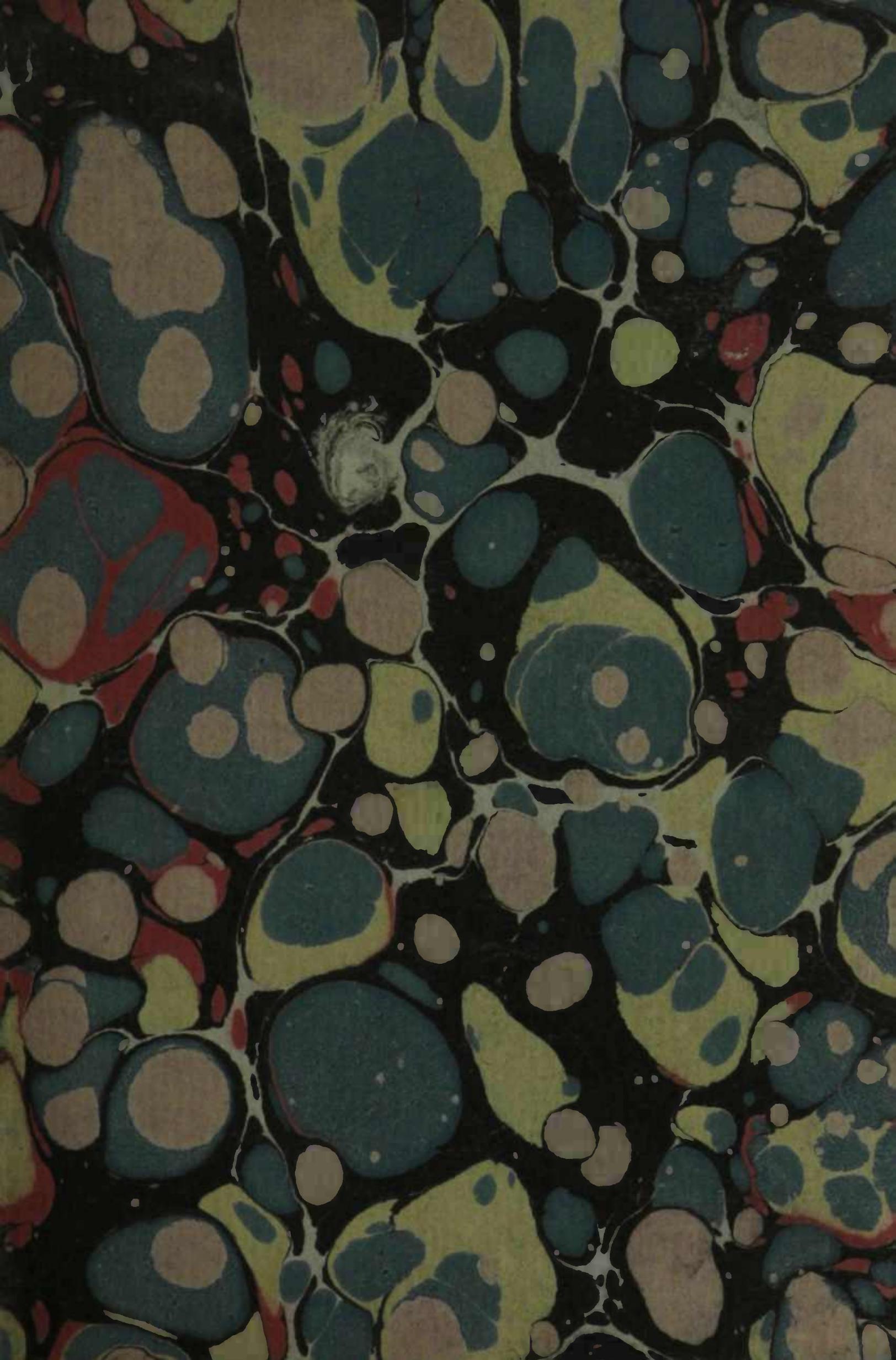
EX-LIBRIS



RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

AKSC.

W.



ÀS ARTES
POEMÁ

ÁS ARTES
POEMA
QUE A SOCIEDADE LITERARIA

DO

RIO DE JANEIRO
RECITOU NO DIA DOS ANNOS

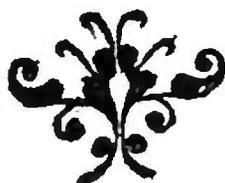
DE

S. MAGESTADE FIDELISSIMA.
D. MARIA. I.

POR

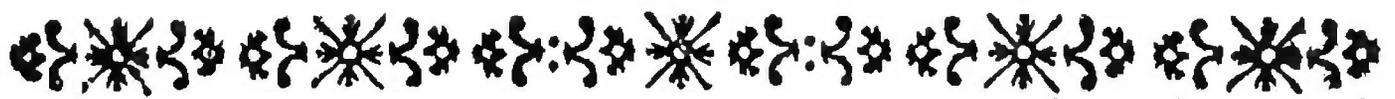
MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA,
SECRETARIO DA SOCIEDADE.

Segunda Ediçaõ.



LISBOA,
NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA.

1821.



ÀS ARTES POEMA.

JÁ fugirão os dias horrorozos
De escuros nevoeiros, dias tristes,
Em que as Artes gemeraõ desprezadas
Da nobre Lisia no fecundo seio.
Hoje cheias de gloria ressuscitaõ
Até nestes confins do Novo Mundo.
Graças á mãõ Augusta, que as anima!
Vejo grave Matrona meditando (1)
Com os olhos no Ceo: a mãõ exacta
Dos Planetas descreve o movimento:
Por justas Leis calcula, péza, e méde
Forças, massas, e espaços infinitos,
Dous Genios Voadores lhe apresentaõ
Movel eburneo Globo, em que elle grava
Os limites do Imperio Lusitano:
Ella dirige sobre os vastos mares
Nadantes edificios, que transportaõ
Os thesouros, e as Armas de que treme
O ultimo Occaso, o primeiro Oriente.
A par desta outra Deosa move os passos (2)

(1) Mathematica.

(2) Fisica experimental.

Da firme experiencia sustentada :
 Ella conhece as causas, e os effeitos;
 Ella exerce, ella augmenta, e diminue
 Da Natureza as forças: a Luz pura
 Através do Cristal separa os raios,
 E mostra aquellas primitivas cores,
 Que formão a belleza do Universo.
 Por suas Leis os differentes Corpos
 Se ajuntão, e se movem: o Tridente
 Que levanta, e que abate as negras ondas,
 Escuta a sua voz; e o mesmo Jove,
 Se troveja, e fulmina, reconhece,
 Que ella o move, ella o rege, ella o desarma.

(1)

Funesta gloria, que custou a vida
 Ao novo Prometheo, que impio roubára (2)
 A sutil chama do Sagrado Olimpo!
 Por ella o Nauta illustre, e valoroso, (3)
 Vendo abaixo dos pés as tempestades,
 Vai sobre as nuvens visitar a Esfera.

(1) As experiencias da materia Electrica sobre o Raio.

(2) O desgraçado Professor de Petresbourg Richman, que morreu experimentando o Conductor da materia Electrica.

(3) O primeiro Aeronauta Monsieur Pilatre de Rosier.

E tu quem és, oh Ninfa, tu que ajuntas,
 Indagas, e descobres os thesouros,
 Que fecunda produz a Natureza? (1)
 Recebe as tuas Leis todo o vivente
 O nobre racional, o vil insecto,
 O mudo Peixe, as Aves emplumadas,
 As indomitas Feras, e escamosas
 Mortíferas serpentes, e os Amphibios,
 Que respiraõ diversos Elementos.
 Dos Vegetaes na immensa variedade
 Tu conheces os sexos, e distingues
 Quaes servem ao Cõmercio, e quaes restauraõ
 A perdida saude: tu nos mostras
 A prata, o ouro, as pedras preciosas,
 Com que opulenta a inclita Lisboa
 Vaidosa sobre o Tejo se levanta:
 A tua maõ benefica, rasgando
 Occulta vêas d'asperos rochedos,
 Arranca o ferro, que revolve os campos;
 Por quem o lavrador recolhe alegre
 Do seu nobre suor os doces frutos.

E tu, que com poder quasi divino (2)
 Imitas portentosa, rica, e bella
 As producções da sabia Natureza,
 Vem, ensina aos mortaes, como a Materia

(1) Historia Natural.

(2) Chimica.

De mil diversos modos combinada,
 Fôrma infinitos mil corpos diversos;
 Huns, que respiraõ, outros que vegetaõ,
 Outros, que nem vegetaõ, nem respiraõ.
 Por tua maõ laboriosa vejo
 Em pedra transformar-se a molle argilla
 Em Cristal as arêas: tu desatas
 A uniaõ dos metâes, e ainda esperas
 Formar o Ouro brilhante, que ennobrece
 Da inculta Patria minha os altos montes.
 E se eu tremo de horror, vendo-te armada
 Huma maõ de mortiferos veñenos;
 Agradecido, e respeitoso beijo
 Outra maõ, que benigna me prepara
 As riquezas, e as forças que reprimem
 Appallida doença, rodeada
 Dos espectros da Morte... Ah vem oh bella
 Irmã da Natureza enfraquecida, (1)
 Que provida conservas, que renovas
 Da humana vida a preciosa fonte.
 De que serve o valor, e os cheios cofres
 De Midas, ou de Cressó, se desmaiaõ.
 Em languidez os membros, quando a febre,
 E os correios da Morte acelerados
 Do afflicto coração ás portas batem,

(1) Medicina.

Entaõ cheia d'amor da humanidade,
 (Misera humanidade!) pouco a pouco
 Tu a consolas, e ergues d'entre as sombras,
 E frio horror da negra sepultura.
 Estende, estende oh Deosa, a maõ benigna
 A' fraca humanidãde: e tu, que podes
 Unir os rotos lacerados membros, (1)
 E com saudavel, e pollido ferro
 Afugentas a Morte, e que conheces
 Todos os laços da structura humana,
 Entõrna o doce balsamo da vida
 Sobre os tristes Mortaes. já reconheço
 Outra formosa Ninfa, que descreve (2)
 Toda a extensaõ da Terra, o Mar, os rios,
 As famosas Cidades, e as montanhas
 De polidas Nações brandos costumes,
 E de barbaros Póvos fera usança.
 Sincéra indága, e cuidadõsa exprime.
 Com ella vem, bellissima Donzella, (3)
 Que com grave eloquencia narra os factos,
 Que o mundo vio desde a primeira idade:
 Ella nos mostra em quadros differentes
 Os tempos, as Nações, e a varia sorte

(1) Cirurgia.

(2) Geografia.

(3) Historia.

Vestigios da feroz Barbaridade,
 O Tempo os vai tragando: assim as folhas
 Murxas, e áridas cahem pouco a pouco
 Dos proprios ramos nas regiões d'Europa,
 Quando pezado, e triste o frio Inverno
 Sobre o carro de gello açouta as Ursas,
 E fere as nuvens com aguda lança,
 Chegaõ por vós aos mais remotos Climãs
 Premiadas as Artes: eu as vejo,
 Eu as ouço, que juntas neste dia
 Entre os transportes de prazer entoaõ
 Ao vosso amavel Nome eternos hymnos,
 Elles voaõ, levando ao Ceo sereno
 Nas brancas azas os mais ternos votos
 De respeito, e de amor, que vos consagra
 Rude, mas grato Povo Americano.

Já destes votos nasce, e se derrama,
 Como a neve dos Alpes, a torrente
 Da vossa Gloria, que de dia em dia
 Igual ao vosso Nome se levanta;
 E os ultimos vindouros admirados
 Inda averaõ crescer no amor dos Povos.

E tu, que triste, e pensativo observas
 Este de Gloria eterno monumento,
 Oh fero tragador dos bronzes duros,
 Arroja o curvo ensanguentado ferro,
 E confundido, e temeroso adora

Aos pés do Régio Throno Lusitano
Da Rainha Immortal o Nome Augusto.

F I M,

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).